

EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: QUAL O SENTIDO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR HOJE?

Flávia Alves de Araujo

Mestranda em Educação, Cultura e Organizações Sociais na Funedi/UEMG, Divinópolis MG. Atua como professora de História, no ensino fundamental e médio, na Escola Estadual Dr. Álvaro Brandão em Santo Antônio do Monte MG (Brasil)

Email:

flaviasamonte@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo, estabelecer uma reflexão sobre a educação na contemporaneidade, fazendo um paralelo com o ideal de educação grega: a “Paidéia”. Observando também as influências do capitalismo na educação escolar.

Palavras-chave: Educação escolar, sentido da educação, transdisciplinaridade

OBJETIVOS

- Refletir sobre a educação na contemporaneidade e suas principais mudanças;
- Identificar os papéis atribuídos ao professor no contexto do capitalismo

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, sob a visão de diferentes autores que contribuíram para uma reflexão sobre a importância e o sentido da educação na cena contemporânea.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Fala-se muito em educação de qualidade, na mídia, nos livros, nas promessas políticas, e assim por diante. Mas o que representa o termo educação de qualidade hoje, numa sociedade

capitalista, onde a ciência e a educação servem aos interesses do mercado? A educação hoje nos remete em algum momento à Paidéia? Procuremos refletir sobre essa questão.

Constatou-se na Grécia o início da “história da educação ocidental”, com o sentido do que representa a palavra educação na nossa realidade atual. No século V a.C. com os sofistas e depois com Sócrates e Aristóteles que o conceito de educação alcançou o estatuto de uma questão filosófica.

Os ideais educativos da Paidéia foram desenvolvidos no século V a.C., mas se basearam em práticas educativas anteriores. Mas qual o significado da palavra Paidéia? Não há uma definição concreta para essa palavra. Inicialmente significava criação de meninos, mas adquiri outro sentido. Houve uma ampliação do conceito de Paidéia, que levou a designar o resultado do processo educativo que se prolonga por toda a vida, muito além dos anos escolares; seria o ideal grego de formação humana.

A partir do século V exigiu-se mais da educação, ela deveria formar o cidadão. A ginástica, a música, a gramática, deixam de ser suficientes. A educação moral resultava do contato direto da criança com um pedagogo, do jovem com o ancião. Os mestres se uniam para dar à criança exemplos de dignidade, de respeito pelas leis das cidades e pelos mais velhos. Até mesmo a ginástica e a música tinham fins morais. Eram trabalhadas qualidades como paciência, tolerância, força e coragem, lealdade, e consideração pelo direito dos outros.

Percebemos que a matriz cultural grega mais presente na cena contemporânea é a odisséia, onde predominam valores como a esperteza e a astúcia, e não a Paidéia. A educação vem mudando seu sentido, seu objetivo ao longo do tempo. Para os gregos representava a felicidade, para os medievais a salvação da alma, e na modernidade, empregabilidade e renda. Um termo constantemente usado na contemporaneidade é “qualidade na educação”. Mas esse termo tem diferentes representações, para o industrial por exemplo, qualidade seria lucro, para o trabalhador poderia ser mais igualdade, para o professor e para o aluno? Seria uma democratização do conhecimento? O fato é que o tema educação de qualidade na escola pública está longe de deixar de ser centro de discussões. Há hoje uma crescente valorização da educação como caminho para melhoria de vida e empregabilidade. De acordo com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) “o *Ensino médio, como parte da educação escolar, deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social*” (Art.1º, inciso 2º, lei 9394/96). Com certeza esse é um grande desafio para as escolas públicas. Para Enguita (1989), o desenvolvimento do capitalismo e suas necessidades em termos de mão de obra, foram o fator mais poderoso a influir nas mudanças ocorridas no sistema escolar. Segundo ele as escolas de hoje não são o resultado de uma evolução não conflitiva e baseada em consensos generalizados, mas o produto provisório de uma longa cadeia de conflitos ideológicos, organizativos e, em um sentido amplo, sociais. O capitalismo então teria sido capaz de dar forma à escolarização (p.131). Uria, em um artigo chamado “A escola e o espírito do capitalismo”, faz o seguinte questionamento: “O sistema escolar é produto do sistema capitalista ou, pelo contrário, desempenhou um papel para o nascimento e desenvolvimento desse sistema no ocidente?” (p.137).

A escola surgiu antes do capitalismo e da indústria, mas como salienta Enguita (1989), nem a organização do trabalho, nem a escola têm se mantido invariantes no processo de

desenvolvimento da sociedade capitalista, e ao que parece abriu-se uma brecha ao evoluírem em sentidos diferentes a qualificação dos postos de trabalho e a qualificação dos trabalhadores.

Para Regina Leite Garcia (2002), “a educação desempenha um papel estratégico no projeto neoliberal”. O discurso dos governantes enfatiza sempre a importância de uma escola de qualidade. Apesar desse discurso, percebemos que o grau de interferência do Estado na educação é cada vez menor. O Estado, que em tese foi criado para manter o bem-estar social, hoje se preocupa com o bem estar do mercado. O discurso neoliberal apregoa um ensino que deva levar o aluno a estar preparado para a competitividade do mercado. Porém, o que se vê é uma educação excludente. No Brasil, ainda hoje, as origens sociais e econômicas são fatores fortes na determinação dos que têm acesso à educação. Vivemos em um país marcado por desigualdades, e é um desafio para a escola lidar com inúmeras diversidades. Preparar o aluno para o mercado de trabalho é uma frase comum na sociedade atual. Mas estaria a escola cumprindo esse papel no qual está inserida dentro desse discurso neoliberal? Uma das mudanças no ensino público foi a criação do EJA (Educação de Jovens e Adultos), mas ao que parece essa mudança se deu somente no nome, que antes era Supletivo. Analisando as políticas públicas para a educação de jovens e adultos, percebemos que estas não só têm se caracterizado pelo aspecto compensatório, como também pela ausência de medidas vindas do poder público, que tornem essa modalidade de ensino uma prática eficaz.

O MEC (Ministério da Educação), os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e os CBCs (Currículo Básico Comum), poderiam representar um certo avanço no modelo educacional vigente, mas ainda não se concretizaram como proposta eficaz. Um dos objetivos gerais de história do ensino fundamental descritos nos PCNs (1998) é: compreender a cidadania como participação social e política, assim como o exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito. O que percebemos é que esse, como outros objetivos descritos no PCN, não se concretiza enquanto prática efetiva na escola. O que ocorre ainda, apesar de todos os “avanços”, um aprendizado que ainda se baseia mais em uma memorização. O professor de história não tem sozinho a responsabilidade na formação social do aluno, mas poderia sim abrir um campo de novas possibilidades, de reflexões, de indagações. Mas percebemos que assim como as outras disciplinas, não leva o aluno a problematizar, a refletir, podendo ser este um dos motivos que faz dela uma disciplina pouco atraente entre os alunos. A responsabilidade do papel do professor aumenta cada vez mais, além de ser um mediador ou transmissor de conhecimentos, cabe a ele a responsabilidade de inserir valores éticos, religiosos, morais. Porém, em sua formação será que ele foi preparado para lidar com tantas situações adversas?

A estrutura da escola, a fragmentação curricular em disciplinas e a tarefa de ensinar distribuídas pelos professores que são especialistas em determinado conteúdo, os sistemas de avaliação ao final de etapas, são, segundo Valente (2006), de um modelo de escola que foi concebido como uma indústria para produzir alunos “educados”, cabendo a cada professor desempenhar a função de montador dessa linha de produção; supervisores e coordenadores eram os “gerentes” de uma fábrica que tinha no diretor seu principal responsável. A realidade do

ensino na sociedade contemporânea é a da especialização do saber. Há uma compartimentalização do conhecimento, o importante é cada professor dominar seu conteúdo. Porém, como salienta Domingues (2005) hoje é impossível alguém dominar o conhecimento em extensão ou profundidade, qualquer que seja a área do conhecimento, daí a importância do compartilhamento do conhecimento, e a cooperação dos especialistas.

Os professores trabalham de forma compartimentalizada, porque também foram formados dessa maneira, portanto, uma mudança de paradigma, passa também pela formação dos professores. Segundo Mello (2006), a formação de professores não é parte da solução, e sim parte do problema da qualidade da educação.

Salas cheias, materiais didáticos insuficientes ou de qualidade questionável, professores e alunos desmotivados, evasão escolar, aprovação automática, enfim, são várias as reclamações no que se refere à educação escolar, seja por parte de alunos ou de professores. A escola pode propiciar aprendizagem ou a falta dela. A impressão que temos, é que cada vez mais nos afastamos do ideal grego, mesmo que utópico de educação, a Paidéia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a história da educação ocidental começa com os gregos. E hoje no século XXI, será que podemos dizer que a educação vem passando por um processo de evolução? Podemos considerar que houve uma certa democratização, se levarmos em conta, que este espaço no passado era destinado a nobres ou clérigos. Segundo Vasconcelos (2001), houve uma democratização no acesso à escola, mas não houve uma democratização econômica. Segundo ele “não é possível fazer uma escola para todos dentro de uma sociedade para alguns” (p.34). No que se refere à qualidade da educação, a crise do paradigma dominante abre espaço para um discurso transdisciplinar. Um rompimento na disciplinarização dos conteúdos poderia ser um caminho, para uma transdisciplinaridade. Esse rompimento com as fronteiras disciplinares, seria quem sabe uma maneira de encontrarmos respostas para questões que afligem o cotidiano escolar, principalmente nas escolas públicas, e que nas fronteiras disciplinares ainda não conseguimos encontrar. Para Ivan Domingues (2005), a transdisciplinaridade permite pensar o cruzamento de especialistas, o trabalho nas interfaces, a superação de fronteiras. Mas a transdisciplinaridade é um assunto para ser discutido com a devida atenção em um outro artigo. O que podemos dizer por enquanto é que, na educação, uma prática transdisciplinar, ao que parece ainda é uma alternativa que está longe de ser concretizada, por enquanto, assim como a Paidéia, é ainda uma utopia.

REFERÊNCIAS

DOMINGUES, Ivan (org.). *Conhecimento e transdisciplinaridade II: aspectos metodológicos*. UFMG. Belo Horizonte, 2005.

ENGUITA, Mariano F.. *A face oculta da escola*. Educação e trabalho. Porto Alegre 1989. Artes Médicas.

GARCIA, Regina Leite. *A educação na virada do século*. In Costa, Marisa Vorraber (org). *Escola Básica na virada do século*. São Paulo, 2002, Cortez.

JAEGER, Werner. *Paidéia- A formação do Homem Grego*. Martins Fontes. São Paulo 2003.

LDB (*Lei de Diretrizes e Bases*). Mec, Brasília, 1996.

MELLO, Guiomar Namó. *Os investimentos na formação de professores*. Revista pedagógica PÁTIO. Novembro 2006/Janeiro 2007. Porto Alegre, Artmed.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. História, Ensino Fundamental. MEC, Brasília 1998.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Ensino Médio. Mec, Brasília 2002.

URÍA, Fernando Alvarez. *A escola e o espírito do capitalismo*. In Costa, Marisa Vorraber (org). *Escola Básica na virada do século*. São Paulo 2002, Cortez.

VALENTE, José Armando. *A construção da escola do amanhã*. Revista pedagógica PÁTIO. Novembro 2006/Janeiro 2007. Porto Alegre Artmed.